



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **De metáforas e mediações: agência e relação entre humanos e não-humanos como possíveis abordagens do Congado**

Luísa Pontes Molina

[luPontesmolina@gmail.com](mailto:luPontesmolina@gmail.com)

"Reinado, você sabe, é complicado" –nosdisse em entrevista Sr. Antônio Ana, *congadeiro* há mais de quatro décadas. Conversávamos sobre as origens e os elementos que constituem o Reinado, termo equivalente a Congado no contexto onde estávamos – o povoado de Fagundes, no sul de Minas Gerais. Com essa afirmação, Sr. Antônio Ana sintetizava um complexo quadro ondenosmostrou alguns aspectos da relação entre os fundamentos míticos do Congado e a estrutura desse ritual – com os personagens e grupos que o compõem. É a partir desse quadro que desenvolverei a presente comunicação, na qual apresentarei Fagundes e seu Reinado, e compartilharei algumas reflexões sobre a festa e os diferentes agentes envolvidos nela. Essas reflexões são fruto de dois anos de pesquisa bibliográfica e etnográfica, cujo primeiro produto foi a minha monografia de graduação, defendida no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) em abril deste ano (MOLINA, 2011).

Fagundes é um povoado de aproximadamente 500 habitantes, administrado pela prefeitura de Santo Antônio do Amparo, município localizado 183 quilômetros ao sul de Belo Horizonte. De maneira bastante ampla, as atividades no povoado seguem o ciclo de produção do café, tanto sazonal (cujo momento de pico é o período de colheita, que envolve praticamente toda a população de Fagundes) como diariamente – a maior parte da população trabalha nas fazendas que cobrem toda a região e o ritmo de vida no povoado segue o ritmo dessa lida. Há outros momentos de maior movimento no povoado, quando são realizadas festas em louvor a santos católicos, três vezes ao ano: na primeira semana de Janeiro, quando se homenageia Santos Reis na Folia de Reis; no dia de Santo Antônio, padroeiro de Fagundes; e no último fim de semana de setembro, ocasião em que se realiza o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Além desses dois santos, também são reverenciados no Reinado Nossa Senhora das Mercês e Santa Efigênia, em quatro dias de celebrações nos quais se dança, toca e canta nas ruas e casas do povoado; fazem-se e pagam-se promessas, renovam-se votos e



laços com os santos, come-se e bebe-se em refeições oferecidas por moradores do povoado. Essas refeições são servidas por *festeiros* ou por *reis* e *rainhas de promessa*: indivíduos que por algum motivo pessoal (geralmente relacionado a uma enfermidade) fazem uma promessa a um santo, e tendo recebido as suas graças, oferecem almoço, jantar ou café a um dos grupos que compõem o corpo ritual do Reinado. Tratam-se dos *ternos*, três grupos formados por homens de diferentes idades que em Fagundes são chamados de Vilão, Catupé e Moçambique.<sup>1</sup>

As diferenças entre esses grupos são notáveis na caracterização das suas vestimentas e demais elementos das suas performances: tipos e assuntos dos seus cantos e instrumentos utilizados. "Cada *terno* tem a sua *linha de canto*"; cada um "canta de uma certa forma e uma [determinada] coisa", comentou em entrevista Sr. Júlio, Capitão do Moçambique de Fagundes e Capitão-Mor do Reinado.<sup>2</sup> Quando questionados acerca dessas diferenças, os moradores de Fagundes invariavelmente se remetem à origem dos *ternos* em um evento mítico. Trata-se da aparição de Nossa Senhora do Rosário em uma rocha na beira do mar para os escravos que clamavam pela sua ajuda e proteção. Formaram-se então, a partir do intuito de tirá-la dali, os três *ternos*; cada um cantou e tocou para a Santa, que não se moveu ao ouvir o Vilão e apenas andou alguns passos quando o Catupé se aproximou, retornando em seguida para a rocha. Foi apenas com o Moçambique que ela de fato caminhou, e por isso, conta-se também, a sua relação com esse grupo é muito próxima. "Sem o Moçambique não pode ter festa", comentou também Sr. Antônio Ana. São os *moçambiqueiros* que "puxam a coroa": buscam os *reis* e as *rainhas* em determinados momentos do ritual e caminham na frente deles quando é formado um cortejo com os três *ternos* e o Reinado, seguindo a ordem presente na narrativa exposta acima: primeiro o Vilão, seguido do Catupé e por fim o Moçambique.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> "Terno" encontra paralelos em outros contextos com os termos *guarda*, *batalhão*, *banda* ou *corte*, sempre designando a unidade ritual dentro da festa de Reinado (Garone, 2008, p.130). Quando referidos apenas como categorias e não como nomes próprios (um *moçambique*, alguns *vilões*, por exemplo), serão escritos com letra minúscula e em itálico; caso contrário, terão a letra inicial maiúscula, sem itálico (o Moçambique de Fagundes, o Vilão de Santana do Jacaré). O mesmo se dará com demais termos nativos: as *rainhas de promessa*, as festas de *reinado*, *capitão* – categorias gerais –; a Rainha Perpétua de São Benedito, o Reinado de Fagundes, o Capitão do Catupé – termos específicos.

<sup>2</sup> Trecho retirado de *Cê me dá licença: capitão Julinho e o congado de Fagundes (MG)*, DVD produzido em 2008, junto com o CD *Foi o quê que me trouxe: Moçambique do capitão Júlio Antônio Filho* – ambos gravados em 2007 com recursos da Petrobrás e produzido pelo Clube do Violeiro Caipira de Brasília.

<sup>3</sup> Não nos aprofundaremos no assunto do mito aqui, compreendendo que embora ele tenha vital relevância no contexto com o qual trabalho – na medida em que se articula com as reflexões sobre o ritual, tal nos como foi apontado pelos sujeitos da pesquisa –, esgotá-lo ou analisá-lo mais profundamente foge ao



Como no caso dos *ternos*, a origem de outros personagens centrais no Reinado está comumente relacionada ao mito de Nossa Senhora do Rosário. Tratam-se dos *reis* e as *rainhas perpétuo(a)s*, que diferem de *reis* e *rainhas de promessa* pela posição perene que têm na estrutura do rito. No momento em que foi buscada pelos escravos, Nossa Senhora coroou um homem e uma mulher que então se tornaram os seus protetores. Sem eles também não podem ser feitas as celebrações, explicou Sr. Antônio Ana, ao contar que "no momento da festa a *rainha* tá cumprindo a missão da Nossa Senhora" e que essas duas personagens tornam-se uma, no momento do ritual. "A rainha faz a semelhança de Nossa Senhora" – ou, como também afirmou Geraldinho, Segundo Capitão do Moçambique: "as *rainhas* na festa *são* Nossa Senhora". Voltaremos a esse ponto, que é o centro em volta do qual orbitarão as demais reflexões que desenvolverei nesta comunicação. Por ora, completando esta breve apresentação, vale apenas observar que figuram como elementos de destacada importância no ritual os quatro mastros que são erguidos (sempre aos pares, na igreja e na capela do povoado), anunciando que as celebrações do Reinado vão acontecer dali a quinze dias. Esses mastros carregam, cada um, a imagem de um dos quatro santos reverenciados na festa. Eles são tirados dos locais onde são erguidos no último dia de celebrações, e assim fecham mais um ciclo do Reinado.

#### "A *jomba* de nego é de Nossa Senhora"<sup>4</sup>

Ao interceder em favor dos negros escravizados, protegendo-os dos maus tratos dos senhores brancos, N. Senhora tornou-se a mãe dos *congadeiros*, dando início assim à relação de dádiva com eles que é fundamental no Reinado. Além disso, por ter acompanhado o Moçambique quando este foi lhe buscar no mar, a Santa estabeleceu o seu lugar perene junto ao *terno* e, simultaneamente, junto ao corpo ritual formado pelo

---

escopo desta comunicação. Antes, busco abordá-lo a partir das referências dos meus interlocutores, explorando o potencial reflexivo dessas referências. Embora o mito de Nossa Senhora do Rosário seja evocado pelos moradores de Fagundes para tratar das diferenças entre os *ternos*, como dito acima, essas menções são deveras difusas. Vale observar que essa narrativa não é entendida pelos moradores de Fagundes como "mito" e que na literatura sobre *congado* como instaurador e organizador das celebrações para Nossa Senhora do Rosário. Carlos Rodrigues Brandão chega a falar de uma "ideologia do Congado", que "oscila entre um mito envolvendo fatos supostamente passados entre os negros escravos, na África ou no Brasil, e as fórmulas de votos e promessas feitos entre o 'brincador' devoto e Nossa Senhora do Rosário" (Brandão, 1985, p. 83)

<sup>4</sup> *Jomba* é um termo para *terno* na chamada Língua da Costa (Queiroz, 1988), falada por Sr. Júlio, Capitão do Moçambique de Fagundes.



cortejo que envolve os três *ternos*, os *reis* e as *rainhas*.<sup>5</sup> Esse lugar é duplamente atualizado durante o Reinado: na atuação do Moçambique na festa e na presença das *rainhas* no cortejo.

Esse cortejo é formado no momento em que os mastros do Reinado são erguidos (quinze dias antes do começo das festividades), no domingo e na segunda-feira – penúltimo e último dia de festa, quando é contabilizado o dinheiro arrecadado em leilões e doações para a festa, e quando os quatro mastros são descidos. Nesses momentos, os três *ternos* buscam os *reis* e *rainhas* na casa onde eles *vestem*: preparam-se para tomar o seu lugar no ritual, recebendo de Sr. Júlio capas, coroas e rezas. Ao chegar à casa onde o Reinado se encontra, os *ternos* seguem a ordem expressa no mito dos grupos que vão em busca da Santa, sendo o Moçambique o único *terno* que chega até a casa e, momentos mais tarde, leva o Reinado até o cortejo.

"A *rainha* faz a semelhança de Nossa Senhora"; "As *rainhas* na festa são Nossa Senhora". As falas dos *capitães* Antônio Ana e Geraldinho nos inspiram a indagar em que medida essa semelhança/identificação seria de caráter metafórico (no sentido de Wagner; cf. infra), e se não há um deslocamento de significado, no momento do ritual, no qual as *rainhas* se tornam a Santa ao integrarem o cortejo. Além dessas falas e do entrelaçamento entre os eventos míticos e rituais – marcadamente o momento de *vestir* o Reinado –, as considerações de Diogo Goltara, apoiando-se em Roy Wagner, também nos ajudam a pensar em termos de operações metafóricas:

Para Wagner, o movimento criativo intrínseco à simbolização é um procedimento metafórico, pois as metáforas pressupõem um contraste entre significante e significado, que *se relacionam por meio de pelo menos um ponto de similaridade ou de analogia*. Por meio deste traço comum, as características que pertencem a contextos diferentes ativam-se e relacionam-se. As metáforas formam-se por meio de inovações no momento em que a ação simbólica desloca um significante de sua posição no léxico cultural para *significar uma nova relação* (...). Segue-se que a personificação é um tipo de metáfora, pois articula pontos em comum (...) por meio do contraste entre o significante e o significado (Goltara, 2010, p. 43. grifos acrescentados).

Há mais: segundo nos contaram os três *capitães* entrevistados (Sr. Antônio Ana, Sr. Júlio e Geraldinho), para cada bandeira erguida em cada um dos quatro mastros do Reinado – ou seja, para cada santo reverenciado na festa – há um par de *rei* e *rainha perpétuo(a)*. Uma vez erguidas nos mastros que ligam o céu e a terra, essas bandeiras ao mesmo tempo anunciam a realização da festa e fazem/trazem presentes no povoado

---

<sup>5</sup> Para uma análise mais detalhada desse mito, ver Brandão (1985) e Garone (2008).



Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. Os mastros – que parecem, eles mesmos, "uma ponte entre os mundos" (Goltara, 2010:43) –, são a marcação temporal do Reinado (pois erguê-los e descê-los é marcar, respectivamente, o começo e o final da festa), e atuam, simultaneamente, na produção da temporalidade própria do ritual. Ao que nos parece, a correspondência entre as bandeiras e as *rainhas* se dá por ambas *serem* os santos.

De forma análoga, a bandeira no Moçambique "simboliza Nossa Senhora no *terno*", contou-nos Sr. Júlio, explicando que é ela quem guia o grupo e por isso vai sempre à frente. Explicam-se com isso os atos relacionados à bandeira nos diferentes momentos do Reinado, todos relacionados a receber dela as bênçãos de Nossa Senhora do Rosário: a bandeira é levada às casas de Fagundes durante as visitas aos seus moradores; é mantida em um cômodo específico da casa nos momentos de refeição do *terno*; é passada por todos os membros dos *ternos* quando há encontros entre os grupos, e esses homens beijam-na e passam-na por cima da cabeça; é tomada brevemente nas mãos por todos que desejam receber as suas bênçãos, *congadeiros* ou não (e, ao fazerem, beijando-a, eles ajoelham e fazem o sinal da cruz). Podemos então ver que o duplo estabelecimento do lugar de Nossa Senhora na festa, narrado pelo mito sobre a sua aparição aos escravos, é também duplamente atualizado no ritual.<sup>6</sup>

Além disso, vale notar que a presença da Santa junto ao Moçambique é anunciada nos cantos quando afirma-se que Nossa Senhora está no/com o grupo, visitando os moradores do povoado, e quando fala-se que é ela quem pagará pelas refeições oferecidas ao *terno*. O próprio oferecimento dessas refeições em agradecimento aos santos é um índice da proximidade entre estes e os *ternos*. Patrícia Couto, que entende os chamados "soldados da santa" (membros dos *ternos*) como mediadores e o alimento na festa como "fio condutor", oferece um exemplo desse

---

<sup>6</sup> Por 'duplo', contudo, não podemos presumir que sejam incidências apartadas ou mesmo distintas – até mesmo porque as práticas de atualização são inequivocamente análogas. Há mais aí do que eu poderia explorar neste momento, e um exame mais aprofundado do mito e dos *ternos* em perspectiva se faz necessário. Foi Sr. Antônio Ana que nos mostrou que isso não é tudo, dizendo certa vez, quando lhe perguntei acerca da diferença entre os *ternos*: "é porque a formação dos *ternos* se torna um só, se torna o Moçambique. E ele que é o principal. Porque em começo da festa formou vários tipos de cantoria, mas não deu certo. Porque na época que os escravos acharam a Nossa Senhora, eles queriam trazer ela da montanha, mas eles faziam a cantoria pra ver se ela vinha, e ela não vinha. Então ela ficava satisfeita, sorria, mas não vinha. Aí formou o Moçambique, o tipo de *moçambique*; aí ela acompanhou. Por isso que ficou o Moçambique. Formou primeiro o Vilão, o Catupé, ela não veio; fez o Moçambique, ela acompanhou".



encadeamento de relações com uma fala de um *congadeiro* de Bom Despacho: "se a gente não come, a promessa não é paga" (2003, p. 127).

As reflexões de Wagner Chaves (2009) sobre práticas que fazem presentes os santos reverenciados na Folia de Reis em São José (MG) – processo chamado pelo autor de 'presentificação' – lançam luz sobre os pontos levantados aqui. O canto – um "mediador por excelência" entre os seres envolvidos na folia (Reis Magos, Jesus e homens) –, segundo o autor, "faz a passagem dos Reis aos homens, articulando o mito ao rito e o rito ao mito" (:41). Os cantos criam a presença dos santos, possibilitando, assim, a sua agência (:31). "Símbolo, na acepção forte do termo, a bandeira, na Folia, não parece ser um meio, veículo para o santo. Ela é o santo", diz o autor, que também coloca:

O santo, presente na bandeira e presentificado no canto (...), passa a ser um agente – abençoa, protege, é tocado, beijado, sentido. Os devotos, quando ajoelham, veneram e adoram a bandeira não apenas acreditam estar diante do santo, mas efetivamente percebem – vêem, ouvem, tocam - o santo, presente em sua imagem. (...) a bandeira, que carrega a imagem de São José, é, para os devotos, o próprio São José. É a presença do santo, portanto, é sentida e percebida pelos devotos quando em contato com o símbolo, no ritual (Chaves, 2009: 218).

Chaves toma como mediadores uma série de elementos presentes tanto na narrativa da busca dos Santos Reis pelo recém-nascido Menino Jesus (um mito com lugar nas *folias de reis* análogo ao da aparição de Nossa Senhora do Rosário no *congado*), como na ponte entre mito e rito – como o canto, os instrumentos dos grupos da Folia e a própria atuação dos santos junto aos devotos. Diogo Goltara também fala da Folia como mediadora entre os personagens míticos e os donos das casas por onde o grupo de *tocadores* passa; essa atuação está intimamente relacionada ao sentido de missão que é orientador das práticas dos *foliões*:

A folia abençoa a casa com a bandeira e em troca recebe o pouso de descanso, comida e bebida. Esta relação entre folia e dona ou dono da casa (...) é o eixo principal da jornada, o elo que garante que as outras trocas sejam efetuadas. Os foliões recebem uma dádiva do santo e sua missão, em troca, é levar a bandeira, anunciar o nascimento do Menino Jesus e abençoar as casas dos devotos. Estes, por sua vez, recebem a bandeira e oferecem presentes a ela em gratidão (ou em troca) de uma bênção recebida pelo santo (Goltara, 2010, p. 24).

### **Outras modalidades de mediação: um olhar sobre o Moçambique**

São muitos e de naturezas distintas os seres com os quais o Moçambique se relaciona. Além de Nossa Senhora do Rosário, cuja presença é afirmada nos cantos e gestos que



compõem a sua performance, há outros tantos seres que se manifestam ou são *trazidos* para perto do grupo em momentos diferentes. Nesse último ponto, o canto figura como um elemento de destacada importância, como em breve observaremos mais atentamente. Atentemos, antes, como Sr. Júlio expressa essa questão: "tem muita música do Moçambique que é tipo uma invocação. Então o verdadeiro Moçambique tem ligação muito grande com o lado espiritual, principalmente com o preto velho, com os escravos" (*Cê me dá licença*, 2008). Essa relação estreita com os *pretos velhos* (espíritos de escravos e ex-escravos) é bastante difundida, tanto em Fagundes como alhures. Patrícia Costa articula essa relação à prática da feitiçaria e tece o seguinte comentário:

[o preto velho é] o fundador da tradição e detentor original dos saberes mágicos utilizados principalmente na dança, mas presentes em alguma medida na vida cotidiana dos dançadores através dos benzimentos. Os pretos velhos, dessa forma, eram os raizeiros e curadores do tempo dos escravos, o que aliado às demais capacidades transformavam-nos em feitiçeiros. Como o Moçambique é normalmente associado aos velhos, a feitiçaria foi tradicionalmente atribuída aos capitães do estilo. (Costa, 2006 p. 166).

É comum haver incorporações de espíritos nas atividades do Moçambique, especialmente em ritos próprios desse *terno*, que acontecem na casa do seu *capitão* durante todo o Reinado.<sup>7</sup> Esses ritos, comandados geralmente por Sr. Júlio, são momentos nos quais o *terno forma* (se une e se prepara para sair para a rua) e nos quais o grupo volta para o local de onde partiu e desfaz a sua formação – o Moçambique é um corpo que se faz e desfaz em cada dia de festa. No primeiro caso, é comum que Sr. Júlio incorpore o espírito de Sr. Joaquim Antônio, um antigo *capitão de moçambique*, irmão de seu pai. Em ambos os casos, outras pessoas presentes no interior da casa também incorporam espíritos/entidades, embora esses não participem diretamente das ações sobre o *terno* como o faz Sr. Joaquim Antônio, que reza para a proteção do grupo – ele *guarda o terno*. Dá-se aí uma dinâmica dupla que abarca tanto a agência da *entidade* como a dos homens, que a trazem para perto pelos cantos e por outras práticas, como a própria realização dos ritos próprios do Moçambique.

---

<sup>7</sup> Termos como entidade, incorporação, manifestação, preto-velho e mediunidade são utilizados aqui da mesma forma que aparecem no discurso de nossos interlocutores – ou seja, tal como essas noções se difundiram a partir das teorias do espiritismo e da umbanda. O mesmo para feitiçaria, macumba e suas variações; nota-se que no caso de todos esses termos não será usado o itálico. Seria interessante, em um momento futuro, refletir se e como teorias *congadeiras* sobre santos, espíritos, entidades, incorporações e práticas mágicas se conformam em uma cosmologia, observando também em que medida aproximam-se e distanciam-se de teorias espíritas, umbandistas e católicas.



Um elemento central para que essa dinâmica possa existir é a mediunidade, que por definição trata do estabelecimento de comunicação com entidades e de mediação entre elas e os humanos. De partida, é importante atentar para dois sentidos de 'mediação', que apesar de coexistentes e complementares em grande medida, são notavelmente distintos, pelas práticas e competências envolvidas em cada um: o primeiro trata da comunicação entre humanos e não-humanos em sentido mais geral, envolvendo práticas de presentificação (Chaves, 2009) como as mencionadas anteriormente, que vão além de elementos próprios do domínio da mediunidade; e o segundo diz respeito ao estabelecimento da comunicação com seres não-humanos através desses elementos, seja por incorporação, pela visão ou mesmo pelo auxílio para o equilíbrio do grupo quando há a presença desses seres. Entendemos, com isso que a mediunidade é, em sentido lato, uma forma de mediação, mas essa última não se reduz à primeira.

Sobre o segundo sentido, Maria Laura Cavalcanti, ao examinar o que chama de "cosmologia espírita", oferece uma síntese interessante:

(...) mediunidade é sinônimo de *comunicação espiritual*, focalizando a relação sincrônica e permanente entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível. A mediunidade é acima de tudo uma ponte, um canal entre um recurso do Alto e o necessitado (Cavalcanti, 1983:62. grifos da autora.).

Nessa nota, vale mencionar que a mediunidade aparece como um elemento de notável importância na composição do corpo ritual do Moçambique, em especial na atuação do *capitão*. Sr. Júlio declara que esse papel só pode ser executado por aqueles que tenham "dom, responsabilidade e poder" – ou seja, a habilidade de trabalhar nos momentos certos e de forma apropriada com a força por ele recebida. "A gente adquiriu um poder dos negros. E eu trabalho por intuição. A missão que a gente tem aqui é implorar a Deus e aquele poder para beneficiar quem vai procurar ajuda", disse o *capitão* em entrevista. Ele é um mediador por excelência; sua agência envolve tanto o tripé mencionado acima (em que o seu trabalho de *curandeiro* é exemplar e no qual a mediunidade figura como elemento de destaque), como práticas que zelam pelo equilíbrio físico e energético do grupo, como ainda será mencionado. É crucial observar que não há distinção de planos entre essas formas de agência: "para ser *capitão* eu dependo de ser *curandeiro*, e para ser *curandeiro* eu dependo de ser *capitão*", afirmou Sr. Júlio (*Cê me dá*



licença, 2008). A mediunidade é uma forma de mediação, mas esta não se reduz àquela; ambas se dão simultaneamente e de modo interdependente, dizendo respeito mais às diferentes modalidades de relação do Moçambique do que a domínios distintos de atuação.<sup>8</sup>

Ainda no que diz respeito às agências tanto dos diferentes seres com os quais o Moçambique se relaciona como do *capitão*, de quem são requeridas habilidades específicas, é importante mencionar a existência de um espírito que acompanha o *terno* desde a sua formação, referido por Sr. Júlio como *entidade*. Integra o rol dos atributos específicos do *capitão de moçambique* a capacidade de se comunicar com essa entidade, usando para isso principalmente cantos. Sobre esse ponto, Sr. Júlio coloca: "você vê um *terno* na rua (...) é muito difícil a pessoa *enxergar e saber* o que tá *movimentando* naquilo ali. Aí eu acho que é *só a gente* mesmo que pode *ver e saber*. Então, em geral, a gente canta essas coisas *dependendo do momento*, para a *entidade*".<sup>9</sup>

Não é por acaso, de forma alguma, que um canto ou outro é entoado; há uma série de elementos que determinam a escolha do *capitão*, que precisa estar atento à coesão do seu grupo, às situações nas quais se encontram, às pessoas e aos acontecimentos que os cercam. Observar esses elementos, saber o que entoar e garantir a eficácia do canto são habilidades e responsabilidades próprias de *capitão*. Nesse sentido, o Reinado de Fagundes aproxima-se das festas em Jatobá e na comunidade dos Arturos, nas quais Glaura Lucas desenvolve o seu trabalho. Tratando do repertório de cantos dos *capitães*, a autora mostra que "para muitas etapas dos rituais (...) há um enorme repertório de cânticos, (...) dentre os quais os capitães escolhem os seus preferidos, que sejam adequados para cumprir suas obrigações" (2002, p. 75).

Há também versos entoados para cumprir com algum intuito específico, geralmente relacionado a um estado do *terno* ou a uma situação na qual ele se encontra. "Clareou, clareou, clareou, Santa Bárbara clareou", é geralmente escolhido por Sr. Júlio em momentos obscuros ou de tensão. Outro exemplo notável é "me chora ingomá", usado por Sr. Júlio quando o seu *terno* estava disperso, sem coesão e fluidez. Em outros

---

<sup>8</sup> Pudemos verificar a importância da mediunidade no contexto do Moçambique em outros pontos também: a ex-esposa de Sr. Júlio nos afirmou mais de uma vez que sua filha assumiria algumas responsabilidades no grupo, pois "tem uma mediunidade muito forte". Além disso, observando os ritos próprios desse *terno*, podemos pensar que a presença tanto da filha como da mãe ali auxiliam no estabelecimento do equilíbrio do grupo e do ambiente, pois elas se mantêm atentas a tudo que acontece dentro e ao redor do grupo, além de auxiliar com orientações quando há incorporações.

<sup>9</sup> *Cê me dá licença: Capitão Julinho e o Congado de Fagundes* (MG), 2008. ênfases acrescentadas.



contextos, esse último verso também é usado para chamar a atenção do grupo e recuperar a sua coesão (Lucas, 2002, p. 87).

Há no Reinado "coisas" boas e ruins, conta Sr. Júlio. Por isso o Moçambique deve se preparar, *guardar-se* antes de lançar-se à rua (espaço de notável ambigüidade e necessária cautela), voltando posteriormente ao local de origem para encerra as atividades do dia e permitir que seus membros se dispersem. Nesse sentido, esse *terno* se assemelha a um corpo que se faz e desfaz em cada dia de festa. Os diferentes planos e ambientes que convivem na atuação do Moçambique mostram que se há fronteiras entre 'material'/'cultural'/'social' e 'espiritual', nesse contexto elas são no mínimo porosas. Apesar de distintas e opostas nos seus princípios, a casa onde se faz/desfaz o *terno* e as ruas – onde ele é desafiado a deparar-se com forças outras – estão unidas num continuum de práticas mediadoras entre esses planos 'terreno' e 'transcendente'. Nas ruas (as mesmas em que as visitas são feitas e os *ternos* se encontram), há a iminência do desequilíbrio pela agência do desconhecido, para o qual se prepara o *terno* quando *guarda* o seu o corpo antes de sair. Não raro acontece algo e o desequilíbrio afeta o grupo; faz-se necessária uma interferência do *capitão*, que pode *ver e saber* o que se passa, podendo então agir com cantos e gestos específicos.

Um exemplo para esse último ponto é um episódio ocorrido em um domingo do Reinado, dentro do cortejo. Sr. Júlio apenas caminhava ao lado do seu *terno*, deixando que Geraldinho, o Segundo Capitão, guiasse o grupo. Em determinado momento, Geraldinho permitiu que uma pessoa de fora entoasse alguns cantos, agindo tal qual um *capitão* – procedimento comum tanto em Fagundes como em outras festas. Contudo, o rapaz nesse caso não pode guiar o grupo, que então perdeu toda a sua articulação e fluidez. Embora não estivesse dentro da formação do Moçambique, Sr. Júlio se mantinha atento ao grupo, e logo interveio, colocando-se de frente para o rapaz que cantava e introduzindo os seguintes versos, encaixados com perfeição na estrutura do canto que o outro homem havia escolhido:

*O poço tá cheio  
Eu tirei com a cuia  
A cuia quebrou  
Costurei com agulha*

A partir desse momento o grupo pareceu mais coeso – *costurado*.



É interessante insistir no ponto dos perigos aos quais os *ternos* estão suscetíveis ao percorrerem as ruas de Fagundes, pois a prática de percorrê-las e os trajetos que aí são formados são elementos centrais na constituição do Reinado. Glaura Lucas também trata dessa questão, colocando-a da seguinte forma:

Muitas são as energias mágicas que as guardas podem encontrar em seus caminhos. Dependendo dessas forças, a integridade de uma guarda se vê ameaçada e, dentre as consequências, podem surgir problemas em seus percursos espaciais – como a guarda não conseguindo prosseguir o seu caminho, por exemplo – ou em seus percursos temporais, como a perda da unidade musical: "é caixa prum lado, o canto vai pro outro, o dançante num sabe o que fazê, estraga tudo!" (Lucas, 2002:73).

Podemos com isso pensar como se borra (ou se extingue) a fronteira entre 'bem' e 'mal', muito comumente evocada ao se trabalhar contextos de eventos religiosos como o Congado, no qual são fixados domínios de 'sagrado' e 'profano', e atribuídos a um e outro conjuntos distintos e opostos de práticas. Além das "coisas boas e ruins" que estão presentes nas ruas durante a festa, às quais Sr. Júlio se referiu, há inúmeras histórias de práticas de feitiçaria ou macumba, sobre as quais não se faz segredo. "Tem a moda de *segurar terno*, deixar eles cantando toda a vida", contou-nos D. Iná, uma *rainha perpétua*, falando de práticas de "*rainhas* que têm poder" e fazem com que os grupos fiquem presos em frente às suas casas, sem deixá-los seguir. "Tem gente que entende... já vi acontecer e falarem", disse também D. Iná. Há inclusive casos bem conhecidos de *congadeiros* e *foliões* (participantes de *ternos* de *folia de reis*) que praticavam *feitiços*, como Sr. Joaquim Antônio, já mencionado aqui.

Pretendemos, com as observações pontuadas nesta comunicação, chamar a atenção para algumas possibilidades de pensar o Congado de forma mais ampla, e os *ternos* e demais sujeitos, de forma mais específica. Menos do que elaborar um esboço de proposta teórico-metodológica e longe de querer saturar ainda mais um contraste entre natural/sobrenatural, estas considerações buscaram somar esforços para o delineamento de novas possibilidades reflexivas para o Congado. Nesse sentido, convergimos com a posição de Taís Garone, que trata da necessidade premente de se levar a sério as perspectivas dos sujeitos de pesquisa, atentando para mais para os "fundamentos cerimoniais" que "animam" essas festas e menos para o que ela chama de um "viés estritamente sociológico". Diz a autora que

Na mitologia tradicional do congado (...) fronteiras se borram e se complexificam, na medida em que não apenas os negros congadeiros se posicionam favoravelmente em relação a Nossa Senhora do Rosário, como esta também os escolhe para acompanhá-los em seus festejos. Daí a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

importância e riqueza de suas figuras de mediação que, ao intermediarem tão tensa relação, abrem de uma só vez espaço para manipulações, conformações e transgressões que podem produzir tanto o consenso e paz quanto o confronto e a guerra (Garone, 2008 p. 115).

## Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos R. A festa do santo de preto. Goiânia: Editora UFG, 1985.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *As Raízes da congada: a renovação o presente pelos filhos do rosário*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

COUTO, Patrícia. *Festa do Rosário: Iconografia e Poética de um Rito*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2003.

CHAVES, Wagner N. D. *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José*. Tese de Doutorado. PPGAS/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2009.

GARONE, Taís D. *Uma Poética da Mediação: Mito, História e Ritual no Congado Setelagoano – MG*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

GOLTARA, Diogo B. *Santos guerreiros: relatos de uma experiência vivida nas Jornadas das Folias de Reis do Sul do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LUCAS, Glauro. *Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

MARTINS, Valéria de P. *Uma etnografia do Nove: Brincadeiras de viola em Machado e arredores (MG)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MOLINA, Luísa P. *Aqui neste reino: o Congado de Nossa Senhora do Rosário em Fagundes (MG)*. Monografia (graduação). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2011. Disponível para *download* em [https://rapidshare.com/files/458010312/LuisaMolina\\_AquiNesteReino.rar](https://rapidshare.com/files/458010312/LuisaMolina_AquiNesteReino.rar)

*Cê me dá licença: capitão Julinho e o congado de Fagundes (MG)*. Produção: Clube do Violeiro de Brasília.

QUEIROZ, Sônia. *Pé Preto no Barro Branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.